

Posfácio

A cultura material é parte integrante da vida humana e, neste sentido, um poderoso instrumento para compreensão da dinâmica da história. Como locus privilegiado de memória, pode se tornar responsável pelo preenchimento de lacunas deixadas pelo texto escrito, ou por trazer mais elementos para uma reflexão mais profunda sobre o que se pretende estudar. Nesta obra, pudemos dar destaque a alguns artefatos utilizados no cotidiano, descritos sob uma ótica diversa à antropologia, por exemplo, pois foram produzidos por discentes do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Esta é uma obra escrita a muitas mãos. É um esforço colaborativo. A ideia que subjaz à sua proposição é – para além do registro concreto do esforço intelectual sob o qual construímos nossa trajetória do fazer acadêmico – uma reflexão sobre os objetos/artefatos do cotidiano e como nos relacionamos com esta materialidade.

O objetivo dos textos foi promover reflexões sobre o papel desses artefatos no mundo contemporâneo, usando o design como fio condutor para compreender a sua atuação na produção de sentidos na sociedade, como nos aponta Ulpiano de Meneses (1983) ao reconhecer que os artefatos são usados na construção de narrativas e na produção dos sentidos na vida das pessoas. Tal aspecto é corroborado por Adrian Forty (2007) ao afirmar que a história do design está inscrita na cultura material, enquanto Daniel Miller (2013) completa que as pesquisas sobre cultura material vêm ganhando reconhecimento como uma contribuição vital para algumas disciplinas e áreas estabelecidas, desde a arqueologia até o design.

Pensar sobre o papel da materialidade em nossas experiências e vivências é algo que pode ser identificado em diversos campos de conhecimento, dentre os quais podemos aqui destacar a arqueologia, a história e a sociologia. Nós queremos contribuir com as construções de relações entre as pessoas, os objetos e os artefatos a partir da perspectiva do design.

Entendemos que o design desempenha papel significativo nas sociedades, produzindo e disseminando coisas pelo mundo. E é um papel ambíguo, paradoxal, muitas vezes contribuindo para facilitar nossas vidas, melhorar nossas experiências e ao mesmo tempo produzindo resíduos, comprometendo a sobrevivência do planeta. Assim, pensamos que este livro traz, em si, o debate acerca dessas questões inquietantes.

Logo, a obra que acabaram de ler trouxe muito mais que um apanhado de artigos sobre os produtos feitos e utilizados na atualidade. Trouxe a reflexão sobre a transformação, a forma, a função e o sentido desses artefatos, pois é plausível estudar a história do design por meio deles, uma vez que há algumas limitações do documento escrito em relação aos vestígios materiais da cultura no que se refere às fontes tradicionalmente utilizadas pela história. E colocar em evidência o objeto, o artefato, a coisa, o troço, o treco, enfim, é uma possibilidade para se entender as pessoas, as sociedades e suas tramas relacionais. Porque queremos difundir profissionais que questionam e que refletem sobre os artefatos e, com isso, introduzir uma vigorosa visão sobre o papel do designer.

Finalmente, em se tratando de uma obra que acolhe e abraça ideias e pontos de vista diferentes, resultantes dos debates em sala de aula, esperamos que este volume se desdobre em outros e que, no futuro, aponte-nos para novos caminhos e novas proposições, com o intuito de pensarmos nossa relação com os objetos do cotidiano.

Adriana Nely Dornas Moura

Luiz Henrique Ozanan

Referências

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MENESES, Ulpiano. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, v. 1, n. 115, p. 103-117, 1983. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796>. Acesso em: 12 jun. 2024.